

## ARTISTA AUTISTA EM CENA Trajetória e reflexões de rodrigo avelar

### AUTISTIC ARTIST ON STAGE Journey and reflections of rodrigo avelar

49

**Rodrigo Lucas da Silva Avelar**  
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

**Tifanny Jaira Raiol Matos**  
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

**Adriana Moreira Silva**  
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP  
ORCID: 0000-0001-6036-5405

DOI: [10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40516](https://doi.org/10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40516)

#### Resumo:

Este texto apresenta uma narrativa em primeira pessoa de Rodrigo Lucas da Silva Avelar, artista autista e estudante de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A partir de uma entrevista conduzida por sua orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizada em junho de 2025, Rodrigo compartilha memórias, experiências formativas e reflexões sobre autismo, criação artística e docência. A transcrição foi reorganizada em forma de relato, preservando seu estilo de fala com pausas, repetições e imagens poéticas, como gesto de afirmação subjetiva e estética. O texto aborda temas como infância, diagnóstico tardio, apoio institucional, vivências no ensino de teatro e projeções de futuro. A escuta ética que orienta o trabalho inspira-se em uma variedade de autoras e autores que discutem práticas inclusivas e sensíveis no campo da arte e da educação, entre eles Paulo Freire, Janaina Leite, Ernesto Martins Fagundes, Valéria Marchi, Kilza Setti, Eliane Potiguara, Ana Mae Barbosa, Ana Beatriz Barbosa Silva, Rosana Nunes e Maria Inês Teixeira. A entrevista completa em vídeo e sua transcrição estão disponíveis para consulta online.

**Palavras-chave:** Autismo. Teatro. Criação artística. Formação docente. Neurodiversidade.

**Abstract:**

This text presents a first-person narrative by Rodrigo Lucas da Silva Avelar, an autistic artist and undergraduate student in Theatre Education at the Federal University of Amapá (UNIFAP). Based on an interview conducted by his undergraduate thesis advisor in June 2025, Rodrigo shares memories, formative experiences, and reflections on autism, artistic creation, and teaching. The transcript was reorganized into a narrative format, preserving his speech style marked by pauses, repetitions, and poetic imagery as a gesture of subjective and aesthetic affirmation. The text addresses themes such as childhood, late diagnosis, institutional support, experiences in theatre education, and future projections. The ethical listening that guides this work is inspired by a range of authors who discuss inclusive and sensitive practices in the fields of art and education, including Paulo Freire, Janaina Leite, Ernesto Martins Fagundes, Valéria Marchi, Kilza Setti, Eliane Potiguara, Ana Mae Barbosa, Ana Beatriz Barbosa Silva, Rosana Nunes, and Maria Inês Teixeira. The full interview, in both video and transcript formats, is available online.

**Keywords:**

Autism; Theatre. Artistic creation. Teacher education. Neurodiversity.

**Resumen:**

Este texto presenta una narrativa en primera persona de Rodrigo Lucas da Silva Avelar, artista autista y estudiante de Licenciatura en Teatro en la Universidad Federal de Amapá (UNIFAP). A partir de una entrevista realizada por su asesora de Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) en junio de 2025, Rodrigo comparte memorias, experiencias formativas y reflexiones sobre el autismo, la creación artística y la docencia. La transcripción fue reorganizada en forma de relato, preservando su estilo de habla marcado por pausas, repeticiones e imágenes poéticas como un gesto de afirmación subjetiva y estética. El texto aborda temas como la infancia, el diagnóstico tardío, el apoyo institucional, las vivencias en la enseñanza del teatro y las proyecciones de futuro. La escucha ética que orienta este trabajo se inspira en una variedad de autoras y autores que discuten prácticas inclusivas y sensibles en el ámbito del arte y la educación, entre ellos Paulo Freire, Janaina Leite, Ernesto Martins Fagundes, Valéria Marchi, Kilza Setti, Eliane Potiguara, Ana Mae Barbosa, Ana Beatriz Barbosa Silva, Rosana Nunes y Maria Inês Teixeira. La entrevista completa, en video y transcripción, está disponible para su consulta en línea.

**Palabras clave:** Autismo. Teatro. Creación artística. Formación docente. Neurodiversidad.

## Introdução:

Sou Rodrigo Lucas da Silva Avelar, estudante do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Artista em formação e sujeito autista, venho construindo uma trajetória marcada por experiências sensíveis na criação teatral, na docência e no reconhecimento de mim mesmo enquanto pessoa neurodivergente.

51



Imagen 1- Rodrigo Lucas da Silva Avelar, estudante de Teatro da UNIFAP e autor da narrativa apresentada neste trabalho.

Foto: Arquivo pessoal.

Este texto nasce de uma conversa que tive com minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso, Tifanny Jaira Raiol Matos, em junho de 2025. A escuta aconteceu em um momento de troca sincera e afetiva, em que compartilhei

memórias, reflexões e experiências relacionadas ao teatro, ao autismo, ao processo de aprendizagem e à criação artística. A transcrição dessa conversa foi reorganizada como narrativa em primeira pessoa, respeitando meus tempos, repetições e modos próprios de expressão.

A professora Adriana Moreira Silva, minha coorientadora, contribuiu na organização deste relato, acompanhando a revisão do texto, e, junto com minha orientadora, colaborou para que ele preservasse a integridade da minha voz e das experiências que compartilho aqui.

A escolha de manter o estilo da minha fala, com suas pausas, repetições e formas de expressão próprias, segue uma metodologia de escuta ética que comprehende a linguagem como manifestação subjetiva e afetiva da experiência. Em vez de padronizar ou corrigir, optamos por preservar. Essa perspectiva encontra respaldo em autores como Valéria Marchi (2011), ao tratar da escuta como abertura para a diferença, em Kilza Setti (2025), que, em seu catálogo biográfico, evidencia a dimensão simbólica e ancestral da voz como portadora de memória, identidade e pertencimento nas práticas culturais brasileiras, e também nas reflexões de Eliane Potiguara (2014), que afirma: “Contar a nossa história com a nossa própria voz é o maior ato de resistência que podemos praticar”, ao valorizar as narrativas individuais como formas de resistência e afirmação da identidade.

Como afirma Paulo Freire:

A escuta verdadeira é aquela que se dá no encontro do educador com o educando como sujeitos de uma experiência comum de aprendizagem, em que falar, ouvir, calar e respeitar o outro são gestos éticos de compromisso com a dignidade do ser humano. Escutar é mais do que ouvir sons – é acolher a palavra do outro como expressão de mundo, é compreender a singularidade da sua voz. (Freire, 1996, p. 99)

Acreditamos, como Janaina Leite (2016), que a cena é lugar de enunciação do eu e da diferença, e como Ernesto Martins Fagundes (2015), que o ensino do teatro precisa acolher a diversidade de corpos e vozes. Dialogamos também com Ana Mae Barbosa (2007), ao considerar a arte como um campo pedagógico potente

para a expressão de subjetividades plurais, e com Ana Beatriz Barbosa Silva (2003), que ao refletir sobre sujeitos com DDA (hoje conhecido como TDAH), destaca: “Quando pensamos em DDA, não devemos raciocinar como se estivéssemos diante de um cérebro ‘defeituoso’ [...]”, (Silva, 2003, p. 27). Reafirmando a importância de reconhecermos modos diversos de funcionamento neurológico o que também se aplica, por analogia, a outras expressões da neurodivergência, como o autismo.

Para além da escuta e da afirmação da diferença, é fundamental considerar o autismo como parte integrante da identidade de uma pessoa, e não como uma patologia a ser corrigida. Como observa um estudo publicado no *Perspectivas Políticas e de Inclusão*:

O movimento da neurodiversidade entende que o autismo é parte da personalidade da pessoa, não se tratando de uma doença que deve ser curada. (...) Um dos objetivos da neurodiversidade é promover o orgulho das pessoas com TEA como uma minoria social, entrelaçando os ativistas do movimento e a comunidade. Esse movimento nega o autismo como sendo uma doença, temendo que testes genéticos possam levar a uma tentativa de extinção de pessoas com TEA. (Nunes; Teixeira, 2020, p. 3)

Ao respeitar meu modo de narrar e recordar, este texto também se inscreve como gesto ético e estético de afirmação da diferença. Escrevo como quem compartilha uma travessia. Espero que minhas memórias e reflexões possam contribuir para repensarmos o teatro, a arte e a formação à luz da neurodiversidade.

Essa compreensão também se aproxima da proposta de docência elaborada por Trevisan et al. (2013), que concebem o professor como alguém que não apenas transmite conhecimento, mas constrói com o outro a experiência educativa:

A exemplo dos cantos e encantos das musas no Olimpo, o “professor viajante” utiliza-se do poder de sedução das palavras para ser ouvido pelo aluno, suscitando-lhe o desejo em relação ao conhecimento. Para essa tarefa, o professor cerca-se de uma polifonia de vozes que se pretendem educativas, mas sem tomá-las como verdades a priori ou dotando-as da tarefa de promover uma passagem – como a que buscava o “professor alquimista”. Ele aceita as palavras, mas as submete à experiência de

encontro com a palavra do outro, do diferente, do novo, do inesperado. Assim, o entendimento da pedagogia como um “fazer autofundante” acontece nas situações de encontro comunicacional em sala de aula. (Trevisan et al., 2013, p. 211)

Para quem desejar conhecer a versão audiovisual dessa conversa, o vídeo da entrevista que originou este texto, com duração aproximada de 19 minutos, conduzida pela professora Tifanny Jaira Raiol Matos em junho de 2025 está disponível no seguinte endereço: <https://drive.google.com/file/d/1Ez6PO-xjUrfhn55EwaUPpapmGvXS0U0h/view?usp=sharing> Cabe dizer que a transcrição foi realizada sem correções linguísticas ou gramaticais, com o objetivo de manter a integridade da fala.

54

## 1. Infância e o despertar para o mundo

Tenho 24 anos e curso Teatro na UNIFAP. A minha infância que eu lembro é de eu sempre brincar com os meus carrinhos, com os meus brinquedos, de eu jogar bola, de eu estar na escola, de eu brincar com os meus amigos na escola, de eu estudar, de eu brincar no parquinho da escola, de eu conversar no recreio, de eu ir sempre no laboratório de ciências que tinha na minha primeira escola, que lá tinha um monte de animais dentro de um pote, e aquilo era, assim, para mim, cara, eu estou de frente com animais que... e eu achava aquilo bem interessante, bem legal, e a minha infância foi isso, então... Eu sei que tinha pessoas na minha escola que não gostavam muito de mim, mas alguns poucos que gostavam de mim eu levo até hoje no meu coração, e é isso, eu, a minha infância é sobre isso, e sinto saudades.

Através do meu psiquiatra, ele falou pra mim e pra minha mãe, e eu já tinha 18 anos, e hoje eu aprendo o mundo do autismo, então o mundo do autismo me ensina, eu ensino e aprendo, porque o autismo, dentro do mundo do teatro, me fez descobrir coisas que eu não sabia, coisas que eu nunca tinha ouvido falar, que eu tinha visto, e coisas que eu já tinha visto, e coisas que eu realmente nunca vi, e

estou aprendendo no teatro e até hoje levo pra vida, e que eu já aprendi, eu levo pra vida, porque o mundo do autista é incrível, de você experimentar coisas novas, de você entender, de você compreender, e as pessoas que não compreendem o nosso mundo, que elas compreendam, porque ser autista é ser muito incrível, porque isso é natural, acredito que é natural da gente, acredito que nos eleva a níveis bem emocionais, a gente se emociona em descobrir coisas novas do autismo, o autismo sempre traz coisas novas pra gente, a gente só tem que aprender, e aprendendo é o que eu estou vivendo, então o autismo, ele existe pra gente encarar novas realidades, do mundo a fora, que o mundo, às vezes tem aflições, e nós vamos enfrentar elas, porque a gente enfrenta, a gente sempre luta todos os dias nas nossas vidas, então o teatro e o autismo merecem estar juntos, eles merecem o cotidiano, o dia a dia de um artista, que no futuro pode ser artista, um artista autista, então a leveza da vida autista também se junta com a leveza da vida do mundo do teatro, porque o teatro é vida também, e é arte, a arte da vida é linda, então o teatro, as coisas que ele nos proporciona é lindo, e magnífico.

## 2. Apoios, afetos e acolhimentos

A minha infância eu não tive apoio, nem na minha adolescência, eu acredito que na minha fase de jovem, adolescente, a professora de inglês, ela sempre me botava ao lado da mesa dela, pra ela me auxiliar, e eu achava aquilo incrível, sem eu saber que eu tinha autismo, mas eu achava aquilo incrível, então é uma recordação que eu levo pra vida, e que eu aprendi, e que eu aprendo, então é um aprendizado que me ensinou demais, e acredito que eu aprendo até hoje.

Eu tenho o apoio do Núcleo de Acessibilidade do NAI. Eu sempre, às vezes estou lá, às vezes eu vou lá, às vezes eu entro lá pra conversar, às vezes tem dias que eu vou no psicólogo, eu marco de ir e então eu vou, então eles sempre me apoiam, eles sempre são pessoas incríveis, são legais, são bacanas, eu gosto de

estar lá porque eu me sinto bem, eu me sinto acolhido, e é o que eles fazem, eles nos acolhem, e a gente se sente em casa, eu me sinto em casa.

### 3. O teatro como escolha, linguagem e modo de viver

Foi do nada, acredito que, como disse um amigo meu, também que eu encontrei ele recente, ele disse que eu sempre gostei de teatro, e eu fiquei pensando, eu acho que na época de escola, eu realmente sempre gostei de teatro, então, não foi só na igreja que eu aprendi a viver no teatro, acredito que foi na escola, então, eu ando nesse pensamento, que o teatro entrou na minha vida lá no tempo de escola, sem eu parar pra pensar que eu não gostava de teatro, e hoje eu gosto, e estou aqui no curso, que é incrível.

Foi amor pela arte, pela vida, e que arte, vida e teatro são as mesmas coisas. Então, eu me abri pro teatro, pra eu poder estar aqui.

A apresentação sobre memórias da professora Adélia. Acredito que voltar pra minha memória de infância ali, foi algo emocional, que mexeu com o emocional e mexe, e eu levo aquela matéria, aquele trabalho na minha vida, pra mim, de lá [ir] aprendendo, porque a gente se conecta com o passado, quando a gente mexe com a memória.

Às vezes sim, às vezes não, mas às vezes sim. Acontece. Através das coisas que eu faço, dos movimentos, da forma que eu me apresento. Não, acredito que vem tudo na minha mente.

### 4. Convivências, aprendizados e sonhos

Olha, tem sido bem normal, acredito que incrível, com os professores novos, com os colegas novos, e agora, com pessoas novas que eu tô conhecendo, que entrou no curso esse ano, com os novatos, então, eles são legais, são bacanas, são pessoas boas, e então, o teatro traz pessoas pras nossas vidas. E eu também tô amando estar aqui.

Sim, acredito. Porque respeito é tudo.

Eu acho que o mapa de brincar, no estágio I, acredito, porque foi uma experiência muito boa, uma experiência com as crianças, então sim, ensinar elas foi incrível. Eu fiz uma disciplina do estágio I.

Eu acredito que as amizades que eu construí, as amizades dos professores, e conhecer novas pessoas.

Me vejo numa sala de aula com as criancinhas e ensinando elas. Dirigir. Eu gosto de dirigir peças.

## 5. Palavra final: o teatro e a arte da vida

Acho e acredito que vai ser uma experiência para ela. Porque ela vai entender melhor o mundo do autismo dentro do teatro. Porque isso é o que o teatro transmite.

Me sinto meio que ansioso, porque é isso que eu estou transmitindo recentemente. Porque é uma experiência nova para mim, é uma coisa boa para minha vida no futuro.

Que elas vão gostar do teatro, vão aprender experiências novas, vão ensinar também. Porque o autista no mundo do teatro é a arte da vida que nos ensina.

Sim, que o teatro, ele é elevado a outros níveis fora do Estado, fora da própria universidade, para dentro de outras universidades. Porque o teatro ele, realmente é incrível, é espetacular. O mundo dele é espetacular.

## Conclusão

Nesta narrativa, compartilhei memórias, afetos, descobertas e pensamentos que atravessam a minha trajetória como artista autista em formação. Falei da infância, do diagnóstico, dos apoios que tive e não tive, assim como da minha entrada no teatro, da convivência com colegas e professores, e dos meus sonhos para o futuro. Não foi apenas um relato de fatos, mas um exercício

de expressar o que sinto, por meio de perguntas realizadas pela minha orientadora, do jeito que consigo dizer: com repetições, pausas, imagens que às vezes vêm do momento, outras da memória, e outras que surgem quando falo sem ensaiar, deixando o pensamento se formar junto com a palavra.

Escolhi manter minha forma de falar neste texto porque acredito que ela também é arte. A maneira como digo as coisas mesmo que fuja de certos padrões, faz parte de quem eu sou. E quem eu sou também é linguagem, também é presença, também é cena. O teatro me ensinou isso: que cada corpo tem sua escuta, seu tempo, sua forma de criar e de comunicar. O autismo não me separa da arte ele se entrelaça com ela, amplia o olhar, propõe outras estéticas, outras sensibilidades. Por isso, a minha criação, o meu modo de aprender e ensinar, o meu modo de estar no mundo, também têm valor. Também são pedagogia. Também são poética.

Espero que este texto possa ajudar outras pessoas a compreenderem melhor o mundo do autismo dentro do teatro e fora dele. Que sirva de inspiração para estudantes, professores, artistas, pesquisadores — e, principalmente, para outras pessoas autistas que, como eu, desejam criar, ensinar, contar suas histórias com sua própria voz. Que se reconheçam como sujeitos plenos de criação e expressão, com suas formas legítimas de estar, sentir e participar do mundo.

Desejo que a cena siga sendo um lugar de escuta verdadeira, onde cada diferença seja acolhida como potência, e onde a arte continue sendo espaço de encontro, liberdade, pertencimento e dignidade. Que o teatro, em sua essência diversa, continue abrindo caminhos para a sensibilidade, para a imaginação, para a existência múltipla. Porque o teatro, pra mim, é a arte da vida que nos ensina. E enquanto houver arte, haverá espaço para todas as vozes.

Para quem quiser acessar a transcrição completa da entrevista que deu origem a este texto, o conteúdo está disponível no seguinte link: [https://docs.google.com/document/d/18D\\_VmAHAV3A9mTM6xZt8m0wmgCjxoo5/edit?usp=sharing&ouid=110629430131038047186&rtpof=true&sd=true](https://docs.google.com/document/d/18D_VmAHAV3A9mTM6xZt8m0wmgCjxoo5/edit?usp=sharing&ouid=110629430131038047186&rtpof=true&sd=true).

## Referências

- AVELAR, Rodrigo Lucas da Silva. Entrevista concedida a Tifanny Jaira Raiol Matos. Macapá, 10 jun. 2025. [Entrevista inédita]. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1Ez6P0-xjUrfhn55EwaUPpapmGvXS0U0h/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1Ez6P0-xjUrfhn55EwaUPpapmGvXS0U0h/view?usp=drive_link). Acesso em: 12 jun. 2025.
- BARBOSA SILVA, Ana Beatriz. *Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas*. São Paulo: Editora Gente, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FAGUNDES, Ernesto Martins. *Pedagogia do teatro: uma abordagem inclusiva*. Porto Alegre: Mediação, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEITE, Janaina. Autoescrita performativa: a cena como lugar de enunciação do eu. In: RODRIGUES, Eleonora Fabião; LEITE, Janaina (orgs.). *Práticas performativas: modos de agir, modos de conhecer*. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 83–95.
- MARCHI, Valéria. *A escuta como acontecimento: narrativas e subjetividades em cena*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- NUNES, Rosana; TEIXEIRA, Maria Inês. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 33, e33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/6rJ9cXpqcD4zzFqWH9vQQHK/?lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- SETTI, Kilza. Catálogo Kilza Setti: compositora, pesquisadora e etnomusicóloga brasileira. Organização: Associação Brasileira de Musicologia (ABM). São Paulo: ABM, 2025. Disponível em: [https://abmusica.org.br/wp-content/uploads/2025/02/Catalogo-Kilza-Setti\\_final-11-02-2025-OK.pdf](https://abmusica.org.br/wp-content/uploads/2025/02/Catalogo-Kilza-Setti_final-11-02-2025-OK.pdf). Acesso em: 11 jun. 2025.
- TREVISAN, Amarildo Luiz et al. Filosofia da educação e imagens de docência: o professor viajante ou alquimista? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 54, p. 199–214, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KQHRCvVvmMPPwLHwRYkrcbw>. Acesso em: 12 jun. 2025.